

“Dar novos mundos ao mundo”:

A retórica dos Descobrimentos portugueses e do Programa Espacial Norte-americano¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa, Viseu)

Palavras-chave: Retórica, Descobrimentos portugueses, Programa Espacial Norte-americano

Keywords: Rhetoric, Portuguese Discoveries, North American Space Program

Que legitimidade tenho eu, um amante da ficção, para escrever sobre as Histórias portuguesa e norte-americana, numa perspetiva comparada?

A meu favor, invoco diversas razões. Em primeiro lugar, numa era em que se ultrapassou o fenómeno da interdisciplinaridade e se fomenta o da *transdisciplinaridade*, são cada vez mais as áreas do saber que aceitam visões externas como complemento das abordagens ditas *oficiais*. Só assim, a terra de ninguém que divide uma ciência de outra pode ser explorada, com resultados normalmente inovadores e férteis.

Por vezes, essa troca de olhares ocorre entre as ciências (a etnopsiquiatria ou a sociolinguística, por exemplo); noutras, a arte é convocada a intervir no mundo da lógica para dar o seu testemunho, naquilo que tem de único e de sensível. Neste âmbito, a História, hoje, deve buscar o auxílio de escritores e artistas, para não se cingir à frieza dos factos, e mesmo para *melhor* apurar esses factos.

Recordo que os criadores são elementos críticos, opinativos e em muitas ocasiões portavozes do pensamento ora individual, ora coletivo. Tal sucede, sobretudo, quando produzem arte de intervenção, mas também na própria arte pela arte, pois como os estetas bem sabem, é impossível fugir à marca do binómio tempo e espaço (Magalhães-Vilhena 599-600). Assim, a suposta autonomia da arte fechada numa caixa transparente, como na obra *Beyond the Brillo Box: The Visual Arts in Post-Historical Perspective* (1992), do filósofo e crítico de arte norte-americano Arthur Danto, foi rejeitada pelo pós-modernismo, época em que se enfatiza também o encontro de saberes e o diálogo entre arte e ciência.

Em segundo lugar, a fantasia sempre teve interesse para o conhecimento: sem esta não seria possível colocar hipóteses, estabelecer comparações mais arrojadas ou sequer fazer conjeturas. Basta recordar, e dado escrevermos sobre viagens espaciais, o profético livro *De la*

¹ Mancelos, João de. “‘Dar novos mundos ao mundo’: A retórica dos Descobrimentos portugueses e do Programa Espacial Norte-americano”. *Os descobrimentos portugueses nas rotas da memória*. Org. Marília Lopes. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2002. 229-244. ISBN: 972-96437-6-8.

Terre à la Lune (1865), do romancista, poeta e dramaturgo Jules Verne ou o romance clássico *2001: A Space Odyssey* (1968), do cientista e inventor do satélite de comunicações, Arthur Clarke. Por este motivo, também a literatura antecipa a ciência, e inspira sonhos e projetos.

Em terceiro lugar, como o provam diversos trabalhos de psicólogos eminentes, alguns dos quais portugueses (recordo, por exemplo, o neurocirurgião João Lobo Antunes), está a perder-se a importância tirânica do hemisfério racional para se ter em conta o *hemisfério das emoções e do sentir* — aquele que, afinal, nos governa no dia-a-dia e influi no comportamento.

Reduzir a História ao racional, a uma perspectiva *unicamente* científica, ou usar *apenas* os métodos exatos é amputar esta ciência, enfeudá-la numa região de frieza, e distorcer os factos. Factos históricos que, como todos sabem, são também *construídos*, porque só um deus ou um ser extra-temporal e extra-espacial, fora das humanas contingências, poderia analisar com total imparcialidade e inteligência um dado acontecimento.

Quando comecei a congeminar estas linhas, tinha em mente uma gravura intitulada “Space Caravel”, que surge na obra ensaística *The Cosmic Connection: An Extraterrestrial Perspective* (1973), de Carl Sagan. O trabalho, da autoria de Jon Lomberg, sobrepõe uma fotografia tirada pelos astronautas da NASA, à pintura de uma caravela, feita pelo artista flamengo Jan Brueghel, o Velho. A imagem transmite a sensação de que o barco navega através de oceanos de estrelas, fundeando em outros mundos, descobrindo civilizações e povos que até aí existiriam apenas na fantasia dos exploradores. É um quadro *provocante*, nos vários sentidos do termo, e tanto pelo anacronismo que junta a fotografia contemporânea à arte do século XVI, como pela sugestão de que a odisseia espacial é um prolongamento do espírito quinhentista e seiscentista.

Também o presidente norte-americano Ronald Reagan se deixou seduzir pelas analogias entre ambos os tipos de exploração: a marítima e a espacial. Num discurso proferido na Casa Branca, em 28 de janeiro de 1986, após a explosão do vaivém *Challenger*, na qual pereceram sete astronautas, o estadista afirmou:

There's a coincidence today. On this day 390 years ago, the great explorer Sir Francis Drake died aboard ship off the coast of Panama. In his lifetime the great frontiers were the oceans, and a historian later said, 'He lived by the sea, died on it, and was buried in it.' Well, today we can say of the Challenger crew: their dedication was, like Drake's, complete.

The crew of the space shuttle Challenger honored us by the manner in which they lived their lives. We will never forget them nor the last time we saw them, this morning, as they prepared for the journey and waved goodbye and 'slipped the surly bonds of earth' to 'touch the face of God.' (Stuckey 4)

O pressuposto de que explorar o espaço ou o mar é semelhante, é também o cais de que parto para a minha viagem, que junta caravelas e naves espaciais, marinheiros e astronautas. Move-me tentar perceber as semelhanças e divergências entre a Expansão iniciada em 1415, pela conquista de Ceuta, e o Programa Espacial Norte-Americano, principiado em 1958, quando os EUA puseram em órbita o seu primeiro satélite.

De novo se me coloca a questão da *legitimidade*: será possível estabelecer pontos de contacto entre feitos distanciados por cinco séculos, dois continentes e duas civilizações?

Creio que sim, por uma série de motivos. Em primeiro lugar, porque o ser humano, nas suas motivações mais profundas, não diferiu grandemente ao longo do tempo, como atestam as obras de antropólogos como Mircea Eliade ou Victor Jabouille. Ambições, altruísmo e jogos de poder são elementos tão comuns à retórica das Descobertas como do Programa Espacial Norte-americano. É evidente que as diferenças e os casos particulares, determinados pela contingência do espaço e do tempo, existem.

Em segundo lugar, o interesse em contrastar duas retóricas, justifica-se como exercício intelectual, como projeto científico e porque daí resultarão conclusões que esclarecerão melhor os eventos históricos.

Finalmente, ambas as odisseias tiveram a sua quota-parte, não pequena, de *mito* — o que permite estabelecer uma ponte sólida entre ambas as épocas e culturas. Este pressuposto que apresento carece de alguma explicação antropológica, para que se perceba como dois mitos separados por tanto tempo se podem comparar. O pai da moderna Antropologia, Claude Lévi-Strauss, em *Du Miel aux Cendres* (1966), afirmou que “a terra dos mitos é redonda” (Lévi-Strauss 7). Efetivamente, o *mythos* nunca desaparece, mas antes de *recicla*, numa mutação constante, através das épocas e civilizações. Victor Jabouille defende até que é este “o traço de união que, tentacularmente, aproxima (...) numa distância sem espaço e numa cronologia sem tempo” (Jabouille 13).

De facto, independentemente do povo, raça ou lugar, existe no inconsciente coletivo da Humanidade um desejo de sobrenatural que continua a resistir à razão e aos mitófagos. Por um lado, criamos constantemente novos ídolos: James Dean, Ayrton Sena, Kurt Cobain, o *self-made man*, o político perfeito, etc. Por outro, há uma constante reciclagem — troca ou decalque — dos mitos tradicionais. Brincando um pouco, Jabouille diz que o Super-homem, ou qualquer um dos musculosos heróis da banda desenhada, é o substituto natural de Hércules, porque ambos são imagens mentais da força. Na mesma linha, pode-se afirmar que Claudia Schiffer é sucedânea de Vénus, representando a beleza, ainda que em conceitos diferenciados pelo tempo.

Similarmente, é possível conceber Neil Armstrong como uma espécie Vasco da Gama e

este é, *mutatis mutandis*, o sucessor natural de Ulisses — todos eles *descobridores*. Por outras palavras, os antropólogos concordam que o mito é circum-navegável, pois seja qual for o instante no tempo ou a posição no espaço, chega-se sempre ao mesmo lugar. Se o ser humano se modificou tão pouco nos últimos milénios, então, mais do que possível, é legítimo que se comparem as suas motivações, expectativas e feitos.

A primeira questão reside em saber se as razões do Infante seriam as *mesmas* dos principais impulsionadores do Programa espacial norte-americano, nomeadamente de John Kennedy. Para tanto contraste o texto de *Crónica da Descoberta e Conquista da Guiné* (muitas vezes simplesmente chamada *Crónica da Guiné*), de Gomes Eanes de Zurara (1453), com o discurso proferido pelo presidente norte-americano, na Universidade de Rice, em 12 de setembro de 1962 (*Address at Rice University on the Nation's Space Effort*).

Ambos os textos partilham o mesmo objetivo: justificar às respetivas nações a necessidade de partir e explorar outros mundos, num empreendimento grandioso e exigente do esforço de todos. Zurara fala em grandes feitos; por seu turno, no discurso, Kennedy afirma: “Surely the opening vistas of space promise high costs and hardships, as well as high reward” (Kennedy 394).

Em ambos os discursos, os governantes acham a sua nação como a mais apta para empreender grandes feitos. Zurara escreve:

E porque o dito senhor quis disto saber a verdade, parecendo-lhe que se ele ou algum outro senhor se não trabalhasse de o saber, nenhuns mareantes nem mercadores nunca disso se intrometeriam (...); e vendo outrossim como nenhum outro príncipe se trabalhava disto, mandou ele contra aquelas partes seus navios. (Zurara 44)

Também Kennedy achou os EUA como o país eleito para desempenhar a missão de descoberta, como revela esta passo do célebre discurso:

(...) the United States was not built by those who waited and rested and wished to look behind them. This country was conquered by those who moved forward — and so will space. (...) If this capsule history of our progress teaches us anything, it is that man, in his quest for knowledge and progress, is determined and cannot be deterred. The exploration of space will go ahead, whether we join in it or not, and it is one of the great adventures of all time, and no nation which expects to be the leader of other nations can expect to stay behind in the race for space. (Kennedy 395)

Em ambos os discursos se invoca a religião. O Infante justificava a expedição com base na fé e no patriotismo, traduzido pela fidelidade ao monarca: “por serviço de Deus e d’El-Rei D.

Duarte, seu senhor e irmão, que àquele tempo reinava” (Zurara 44). Também Kennedy apelava à religião: “as we set sail we ask God's blessing on the most hazardous and dangerous and greatest adventure on which man has ever embarked” (Kennedy 395).

O panegírico da América mereceu também ênfase noutros passos do discurso: “(...) the vows of this Nation can only be fulfilled if we in this Nation are first, and, therefore, we intend to be first”; “(...) we have given this program a high national priority”; “I am delighted that this university is playing a part in putting a man on the moon as part of a great national effort of the United States of America” (Kennedy 396-398).

Como se justifica esta vontade de ser sempre o primeiro, que soa aos ouvidos do mundo como arrogância? Existem explicações históricas para este fenómeno que continuamos a presenciar todos os dias quando os EUA se assumem como polícias do mundo, quando impõem boicotes, influenciam nações, bombardeiam países estrangeiros, comandam a vontade da NATO, governam o Banco Mundial. Dir-se-ia que a América é constantemente o centro das atenções, enquanto o resto do mundo se remete a uma discreta periferia, quase sem voz, perante o poder político e económico do gigante ocidental.

O chamado imperialismo americano é tão poderoso que não passa um dia sem que esse país surja mencionado nos meios de comunicação social e que até mesmo factos que, em princípio só teriam interesse local, como as campanhas eleitorais, os vestidos de Nancy Reagan ou a virilidade do presidente, são motivo de parangonas na imprensa e de *prime-time* nas estações de televisão (Santos 692).

Historicamente, esta importância remonta ao tempo dos puritanos, que vieram para o território americano, em diversas vagas. A primeira ocorreu em 1620, ano em que “Pilgrim Fathers” fundaram em Plymouth Rock, na Nova Inglaterra; a segunda, mais significativa, ao ponto de ser descrita como *Great Migration*, teve lugar entre 1628 e 1643. Ambas constituíam aventuras arrojadas, que não desmerecem do esforço dos portugueses. Basta ter em conta esta descrição melancólica de William Bradford, escrita em 1651, e referida ao frio Inverno que os navegadores do *Mayflower* enfrentaram em 1620, ao chegarem a Provincetown:

Being thus passed the vast ocean, and a sea of troubles before in their preparation, they had now no friends to welcome them or inns to entertain or refresh their weather-beaten bodies; no houses or much less towns to repair to (...) And for the season it was Winter, and they that know the winters of that country know them to be sharp and violent, and subject to cruel and fierce storms, dangerous to travel to known places, much more to search and unknown coast. (Bradford 38)

Efetivamente, metade dos desembarcados na primeira vaga morreu ao fim de alguns

meses, vítimas da doença, do clima e da fome. O que levaria, então, centenas de pessoas a cruzarem o oceano e a encetarem uma vida nova num continente para onde quase só iam os banidos e os condenados? A *fé* — é esta a resposta mais óbvia, mas não a única. Os puritanos consideravam-se um povo eleito (Nye 187). Para justificar a sua singularidade, recorriam a diversas citações da *Bíblia*, como esta: “E preparei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei para que habite no seu lugar, e não mais seja movido” (Samuel 7:10-16). Influenciado por este passo bíblico, na obra *White Jacket*, datada de 1850, Herman Melville defendia: “We Americans are the peculiar, chosen people — the Israel of our time; we bear the ark of the liberties of the world. (...) God has predestined, mankind expects, great things from our race; and great things we feel in our souls” (Melville 506).

Se o povo era eleito, então a América seria a Terra Prometida, uma segunda oportunidade que Deus dera à Humanidade, para se redimir dos pecados de Adão e Eva e dos seus descendentes (Nye 187). O excerto bíblico seguinte, se lido fora do contexto, aplica-se ao recém-colonizado território e transmite a ideia de que este é um paraíso à espera dos crentes: “E as nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo” (Isaías 2:62). Este “nome novo” seria, *evidentemente*, “América”, ou seja, a Nova Jerusalém bíblica.

Os puritanos estavam de tal forma convencidos de terem fundeado âncora no novo paraíso, que não se inibiram de batizar diversas cidades com nomes que apresentam ressonâncias religiosas. A povoação de Salém, por exemplo, tristemente célebre pela execução das alegadas bruxas, pediu emprestado o seu nome a Jerusalém.

Sendo o povo americano eleito, estaria destinado a grandes façanhas. Também aqui existiria uma indicação nos livros sagrados. S. Mateus afirma: “Vós sois a luz do Mundo: não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:14). Em 1630, John Winthrop faz referência a essa frase, no seu célebre discurso *A Modell of Christian Charity*, dado a bordo do navio *Arbella*, perante os primeiros quatrocentos puritanos, após três mil milhas de viagem: “For we must consider that we shall be as a City upon a Hill, the eyes of all peoples are upon us” (Winthrop 295).

Tal predestinação implica para os americanos a enorme responsabilidade e fardo de serem um exemplo para todos os outros povos e nações. Neste contexto, é interessante notar a quantidade de vezes que, ao longo do tempo, os governantes perpetuaram essa ideia de povo escolhido e farol do mundo. A sua missão desenvolver-se-ia com três objetivos interligados. Em primeiro lugar, ser um modelo de democracia, provando ser possível governar com paz e justiça (Nye 168-169). Cito um passo do discurso inaugural o presidente Theodore Roosevelt, proferido

em 4 de maio de 1905: “Upon the success of our experiment much depends; not only as regards our own welfare, but as regards the welfare of mankind” (Roosevelt 570).

Também Kennedy e os estadistas seguintes tentaram imprimir um cunho ecuménico ao esforço americano, invocando a necessidade de defender a democracia contra o bloco comunista e de fazer avançar a tecnologia aeroespacial e as ciências que nela confluem e dela irradiam, com proveito para todos os países. Neste contexto, as palavras do presidente mostram, com frequência, um filantropismo hipócrita, quase como se os EUA fossem a amaseca do mundo:

In short, our leadership in science and in industry, our hopes for peace and security, our obligations to ourselves as well as others, all require us to make this effort, to solve these mysteries, to solve them for the good of all men, and to become the world's leading space-faring nation. (Kennedy 396)

Outro argumento para iniciar a Expansão é de ordem militar, já que D. Henrique pretendia saber “se o poderio dos Mouros daquela terra de África era muito maior do que comumente se pensava (...). E porque todo o sisudo, por natural prudência, é constrangido a querer saber o poder do seu inimigo (...)” (Zurara 45). Similarmente, Kennedy jogava à defesa, por assim dizer:

For the eyes of the world now look into space, to the moon and to the planets beyond, and we have vowed that we shall not see it governed by a hostile flag of conquest, but by a banner of freedom and peace. We have vowed that we shall not see space filled with weapons of mass destruction, but with instruments of knowledge and understanding. (Kennedy 396)

Quando a Apollo 11 colocou o primeiro homem na Lua, deixou para trás o andar de descida, com uma placa dizendo “os homens do planeta Terra pisaram pela primeira vez a Lua. Viemos em paz e em nome de toda a Humanidade.” As palavras soariam altruístas, não fosse o facto de, a uns metros ter sido colocada a bandeira americana (versão dos padrões que os portugueses deixavam em cada praia visitada) em vez de um símbolo que representasse todos os países do mundo.

António Gedeão satiriza o paradoxo com o texto “Poema do Homem Novo”:

Sobre a Lua, Armstrong pôs finalmente os pés.
caminhava hesitante e cauteloso,
pé aqui,
pé ali,
as pernas afastadas,

os braços insuflados como balões pneumáticos,
o tronco debruçado sobre o solo.

.....
Num sobre-humano esforço
levanta a mão sapuda e qualquer coisa nela.
com redobrado alento avança mais um passo,
e a Humanidade inteira, com o coração pequeno e ressequido
viu, com os olhos que a terra há de comer,
o Homem Novo espetar, no chão poeirento da Lua, a bandeira da
sua Pátria,
exatamente como faria o Homem Velho.
(Gedeão 101-103)

Em resumo, se a propósito da expansão portuguesa é vulgar falar-se em motivações de ordem ideológica, social, política, económica, o mesmo tipo de argumentos é aplicável no contexto norte-americano. Mais do que a sede de conquista, os Estados Unidos avançaram no progresso espacial com o propósito de ultrapassar os Soviéticos, seus grandes rivais na Guerra Fria; superior à vontade de desenvolver a engenharia aeroespacial estava o desejo de testar máquinas com futura aplicação em veículos militares; e a ambição de estabelecer um domínio territorial além da Terra falava mais alto do que os avanços na astronomia. Neste contexto, a expressão *corrida ao espaço* é significativa, e os sucessivos acidentes com veículos espaciais são prova da imprudência, gerada pela competição entre os dois governos.

No entanto, não será justo atribuir uma importância onipotente à vontade política, pois os americanos têm razões históricas para, como os portugueses, se intitularem descobridores natos. As viagens que os pioneiros protagonizaram, primeiro desde a Europa até ao Velho Mundo, e depois através das regiões desconhecidas, rumo a Oeste, enfrentando desertos, territórios desconhecidos, a fúria e os ataques dos ameríndios, é tão épica e miserável quanto as nossas navegações.

Os pontos de contacto são inevitáveis e convém analisá-los, porque se encontram aqui não apenas as raízes da maneira de ser americana, mas também as causas mais longínquas da exploração espacial. Neste sentido, os discursos de Reagan e de Kennedy são curiosos por apontarem para esse passado de busca, para aquilo a que eu chamo de “mito do americano errante” (Mancelos 24). O presidente Kennedy, fazendo referência ao desembarque dos puritanos, dizia:

William Bradford, speaking in 1630 of the founding of the Plymouth Bay Colony, said that all great and honorable actions are accompanied with great difficulties (...) We choose to go to the moon in this decade and do the other things, not because they are easy, but because they are hard, because that goal will serve to organize and measure the best of our energies and skills, because that challenge is one that we are willing to accept, one we are unwilling to postpone, and one which

we intend to win, and the others, too. (Kennedy 396)

Em seguida, Kennedy enuncia diversos feitos exploratórios dos norte-americanos, entre os quais se contam o voo sobre o Atlântico e os quarenta satélites que na altura orbitavam a Terra. O objetivo do presidente é, mais uma vez, encaixar esta viagem no mito do americano aventureiro, que se inicia nos séculos dezoito e dezanove, com a jornada dos pioneiros através do novo continente, rumo a oeste.

As *dramatis personae* desta epopeia são o caçador, o *cowboy*, o chefe ameríndio, o agiota, o xerife, o político, o batoteiro — personagens tipificadas na cultura popular, desde a canção *folk* ao *western*. Neste ponto, recorro filmes como *Billy, the Kid* (1941), de David Miller e Frank Borzage, *Devil's Doorway* (1950), de Anthony Mann, ou *Man of the West* (1958), do mesmo realizador. São estes os verdadeiros heróis, que Walt Whitman, elogia na introdução a *Leaves of Grass*, a “arraia-miúda”, um povo tão pobre quanto aquele que embarcou nas naus de quinhentos e de seiscentos, e que se arrastou através das planícies, sofrendo toda a espécie de perigos (Mancelos 24).

Para muitos analistas e historiadores não é difícil ler a ida à Lua, o lançamento das sondas exploratórias, os planos para a construção de uma estação orbital e os projetos para a visita a Marte como um prolongamento destas viagens, e do espírito que o tempo consagrou sob a designação de “mito da fronteira”.

Neste contexto, Carl Sagan recolhe um curioso soneto, da autoria de Arvid Sponberg, que liga a viagem dos pioneiros americanos, através do oceano, à conquista espacial. Intitula-se “Nova Odisseia”:

Longe, para longe, para além, despojado de parentes,
Persistente, errante, vagabundo de grandes distâncias,
Ansiosos, em forma de estrela, os pioneiros passam velozmente,
Rumo ao exterior, à deriva no vento espacial.

Um homem, uma mulher, órfãos da Terra morna
Quais esplêndidos viajantes de velas douradas,
Quais ciganos deambulando antigas trilhas estelares,
Uma caravana em busca de pouso celestial.

Se, bem no fundo no frio espaço interstelar,
Algum olho tenebroso espia a vida nesta jangada,
Será que vai notar o coração do nosso barco,
Um pulsar batendo ao ritmo da paz?

Um espírito fulgurante rompe novas fronteiras;
Uma odisseia é a nossa morada; enalteçamos os pioneiros!
(Sagan 10)

No entanto, e tal como nas Descobertas portuguesas a grandeza se pagava com o sal do mar que era também o sal das lágrimas, as viagens espaciais ofereceram os seus momentos mais dramáticos. Refiro-me, nomeadamente, à explosão do vaivém *Challenger*, ocorrida numa manhã fria de janeiro de 1996. Setenta e quatro segundos após a descolagem, um dos foguetes de impulso revelou uma fuga, que inflamou os enormes tanques de combustível. A assistência, entre a qual se contavam familiares das vítimas, assistiu impotente à bola de fogo que consumiu os sete membros da tripulação (Stuckey 5-6).

Foi a primeira vez que a NASA perdeu astronautas em voo, apesar de, dezanove anos antes, três terem morrido carbonizados no interior de uma cápsula, no momento da descolagem. Esta tragédia suplantou também as anteriores porque a bordo seguia uma astronauta civil, a professora primária Christa McAuliffe, que representava, mais do que uma concessão, uma abertura da agência espacial norte-americana a toda a sociedade (Stuckey 5-6).

O projeto era ainda importante por outras razões ainda, de ordem científica, didática e até artística. De facto, o compositor francês Jean-Michel Jarre, um dos pioneiros da música eletrónica, pretendia, pela primeira vez na história humana realizar um concerto espaço/terra. Um dos astronautas tocava um instrumento de sopro em órbita, enquanto Jarre o acompanhava no solo. Tal nunca veio a acontecer, como é óbvio; contudo, mais tarde, a composição “Fourth Rendez-Vous” evocaria a tragédia, através das imagens de um teledisco popular.

Estes projetos (incluir uma professora, executar música no espaço, etc.) revelavam o à-vontade que as anteriores missões, todas elas com sucesso, tinham concedido à NASA e aos seus funcionários e que, segundo alguns, resultara no descuido que resultou em tragédia. O presidente Reagan, que nessa noite iria fazer um discurso sobre o *status quo* da nação, mudou as suas palavras para confortar os americanos, e em particular as famílias das vítimas, e para elogiar a capacidade de abnegação e o heroísmo dos astronautas, comparando-os aos pioneiros de que já aqui falei e afirmando que estes tinham “tocado o rosto de Deus” (Stuckey 4).

O acidente marcou o final de uma era e o início de inúmeras dúvidas. Os mais céticos voltaram à carga com uma panóplia de questões: estaremos tecnologicamente preparados para os voos tripulados ou seria preferível optar por missões comandadas e geridas por máquinas, poupando-se assim vidas? Os contribuintes verão o seu dinheiro escoar-se para o espaço? E se as enormes verbas fossem aproveitadas para resolver os problemas internos dos EUA, nomeadamente a mendicidade e o crime? Conduzirão estas missões a um imperialismo americano fora do globo?

Vêem-me à memória as preocupações do velho do Restelo, que José Saramago ecoa e atualiza neste poema, com o sugestivo título de “Fala do Velho do Restelo ao Astronauta”:

No jornal soletramos de olhos tensos
 Maravilhas de espaço e de vertigem.
 Salgados oceanos que circundam
 Ilhas mortas de sede onde não chove.
 Mas a terra, astronauta, é boa mesa
 (E as bombas de napalm são brinquedos)
 Onde come brincando só a fome
 Só a fome, astronauta, só a fome.
 (Saramago 76)

Todas as dúvidas são legítimas, apesar de, numa opinião pessoal, se nos colocássemos sempre estas questões e se prescindíssemos dos riscos, ainda não teríamos saído das cavernas da ignorância e a roda seria ainda apenas um projeto. Com ou sem explorações cósmicas, as misérias terrenas prosseguirão, pelo que é inútil encontrar bodes expiatórios no programa espacial. Recordo que também os Descobrimentos portugueses trouxeram consigo a escravatura, a submissão de culturas, o luxo e a ostentação enganadores.

Perante este cenário, e fazendo mais um pouco de História comparada, quais serão as desvantagens e vantagens do empreendimento espacial? Se, como teme a NASA, as descobertas forem aplicadas ao serviço do militarismo, não me parece que daí resulte qualquer benefício para a Humanidade. Os riscos são cada vez mais insensatos no xadrez mundial, pondo em perigo a própria sobrevivência da espécie humana.

Contudo, o aproveitamento civil das explorações pode dar frutos que satisfaçam os apetites mais ecuménicos, conduzindo não apenas a um progresso da ciência em geral, como profetizava Kennedy, e em particular da eletrónica e da medicina, mas também a uma abertura da mente humana.

Essa já se revela, sobretudo no novo projeto da agência espacial, intitulado *Origins*, que busca a existência de vida extraterrestre, numa continuação do célebre projeto *Seti: Search for Extraterrestrial Intelligence*. O simples colocar dessa possibilidade mostra um desejo de sair do antropocentrismo que vê o ser humano como razão e fim último do universo. A célebre frase de Carl Sagan, relevando o cosmos como sendo transbordante de vida, pode ter consequências no modo de pensar da nossa espécie. O racismo, a xenofobia, o sexismo e outras formas de intolerância não mais evidenciam que a negação do outro, sobretudo na sociedade americana, que pretende ser multiculturalista, mas que ainda enfatiza o WASP como o grupo dominante na política, economia e cultura.

Que a atitude para com as espécies que eventualmente venhamos a encontrar sintonize esses ideais e seja mais justa e aberta do que aquela que os portugueses evidenciaram nos seus encontros de culturas, que primaram mais pela aculturação forçada, a colonização e a exploração do outro, do que por uma tentativa de o compreender, nos dois sentidos da palavra:

entender e abarcar.

Mas, e se estivermos irremediavelmente sós no universo? Que lição poderá advir daqui? Num curioso artigo publicado pela revista *Life*, em setembro de 1992, o homem de letras e inventor do satélite de comunicações, Arthur Clarke, medita sobre o assunto, afirmando: “We are only now beginning to appreciate our duty toward planet Earth. That could be merely the prelude to far greater responsibilities. If we are indeed the sole heirs to the galaxy, we must also be its future guardians” (Clarke 68).

Explorar é um ato nitidamente humano, que não pode ser despido da sua envolvimento filosófica ou reduzido a meras causas e efeitos de ordem social, económica e política. A História do encontro com o outro, como nova forma de me encontrar com o *eu*, isto é, do outro como um espelho onde eu me reflito, está em boa parte por construir.

Em conclusão, e utilizando uma fórmula matemática, o português está para as Descobertas e para a Diáspora, como o americano está para o pioneirismo e para espaço. O resultado da equação é idêntico, embora dividido pela História, multiplicado pelos riscos, adicionado nos custos e subtraído talvez na grandeza, porque a epopeia norte-americana reflete mais os interesses de um povo, enquanto os portugueses tocaram outras praias, outras margens e outras gentes.

De qualquer forma, é lícito afirmar que tanto o americano como o português é um viajante, e o seu mito é o da *busca*, o mito de poder encontrar o mito. O mesmo mito que une o pioneiro ao astronauta; a costa que Colombo avistou numa madrugada à superfície lunar; o sonho nosso de cada dia, às palavras do narrador, que no início de cada episódio da série original *Star Trek*, anuncia: “Space... The final frontier”.

Bibliografia

- Bradford, William. “History of Plymouth Plantation”. *Anthology of American Literature*. Vol. 1. Ed. Frederick Crews. New York: Macmillan, 1999. 31-52.
- Danto, Arthur. *Beyond the Brillo Box: The Visual Arts in Post-Historical Perspective*. New York: Farrar Straus Giroux, 1992.
- Gedeão, António. “Poema do Homem Novo”. *Novos Poemas Póstumos*. Lisboa: Sá da Costa, 1990. 99-103.
- Jabouille, Victor. *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Inquérito, 1986.
- Kennedy, John Fitzgerald. “Address at Rice University on the Nation’s Space Effort”. *Turning Dust to Gold: Building a Future on the Moon and Mars*. Ed. Haym Benaroya. New York: Springer, 2010. 394-397.

- Lévi-Strauss, Claude. *Du Miel aux Cendres*. Paris: Plon, 1966.
- Magalhães-Vilhena, Vasco de. *Pequeno Manual de Filosofia*. Lisboa: Sá da Costa, 1974.
- Mancelos, João de. “Poemas e Canções dos Pioneiros Norte-Americanos: A Viagem das Palavras”. *Limiar* 9 (1997): 24-26.
- Melville, Herman. *Redburn : His First Voyage; White-Jacket or the World in a Man-of-War; Moby Dick or, The Whale*. New York: The Library of America, 1983.
- Nye, Russel B. *This Almost Chosen People: Essays in the History of American Ideas*. East Lansing: Michigan UP, 1966.
- Roosevelt, Theodore. “Roosevelt’s Inaugural Address”. *American Democracy: American Founders, Presidents, and Enlightened Philosophers*. Ed. Justin P. DePlato. Lanham: Lexington Books, 2015. 569-71.
- Sagan, Carl. *As Ligações Cóslicas*. Trad. M. Auta de Barros, e Isabel Pereira dos Santos. Lisboa: Bertrand, 1987.
- Santos, Maria Irene Ramalho. “Um Olho Transparente, Óculos Vários e Muitos Americanos Espectáculos”. *Diálogo e Tempo*. Org. Anselmo Borges. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. 689-716.
- Stuckey, Mary E. *Slipping the Surly Bonds: Reagan’s Challenger Address*. College Station: Texas A&M UP, 2016.
- Winthrop, John. “A Model of Christian Charity”. *Winthrop Papers*. New York: MA Historical Society, 1990. 292-295.
- Zurara, Gomes Eanes de. *Crónica da Guiné*. Introd. José de Bragança. Barcelos: Civilização, 1973.

Resumo

Neste ensaio, comparo a retórica dos Descobrimientos portugueses com a do Programa Espacial Norte-americano, com o objetivo de detetar semelhanças, diferenças e relações. Para tanto, contraste o texto de *Crónica da Descoberta e Conquista da Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara (1453), com o discurso *Address at Rice University on the Nation’s Space Effort*, proferido pelo presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy, na Universidade de Rice, em 12 de setembro de 1962. Invoco ainda a opinião de diversos historiadores, antropólogos, políticos, cientistas e escritores.